

A EXTENSÃO COMO DIMENSÃO CONSTITUTIVA DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA E TECNOLÓGICA

EXTENSION AS A CONSTITUTIVE DIMENSION OF PHILOSOPHY TEACHING IN PROFESSIONAL TECHNICAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION

Gilson Carreira Junior

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, Brasil

gilson.carreira@gmail.com | orcid.org/0009-0006-7940-9213

Resumo

Este artigo discute o papel da extensão como dimensão constitutiva do ensino de filosofia na Educação Profissional Técnica e Tecnológica (EPTT), tomando como objeto de análise a experiência do Clube de Filosofia desenvolvido no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – Campus Santa Rita/PB. Parte-se da compreensão de que o ensino de filosofia não pode restringir-se à transmissão cronológica de conteúdos ou à reprodução de sistemas filosóficos, mas deve constituir-se como experiência crítica do pensamento, vinculada à realidade concreta dos estudantes e às contradições sociais do mundo do trabalho. Nesse contexto, analisamos a experiência extensionista “Metamorfose: restos de humanidade”, desenvolvida a partir da leitura e adaptação cênica da obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka, articulando filosofia, literatura e teatro como práticas formativas no contraturno escolar. Fundamentado em autores como Paulo Freire (1996), Sílvio Gallo (2006) e Gaudêncio Frigotto (2005; 2006), o trabalho compreende a extensão como espaço de problematização da realidade e de produção coletiva do pensamento, reafirmando o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na EPT. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como relato de experiência. Os resultados evidenciam que práticas extensionistas em filosofia potencializam a autonomia intelectual, a criatividade, a reflexão crítica e a formação humana integral, reafirmando o papel das humanidades e das artes na construção de uma educação crítica e omnilateral na EPT.

Palavras-chave: Ensino de filosofia; Extensão; Educação Profissional e Tecnológica; Formação humana.

EXTENSION AS A CONSTITUTIVE DIMENSION OF PHILOSOPHY TEACHING IN PROFESSIONAL TECHNICAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION

A R T I G O

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar igual 4.0 Internacional.



Abstract

This article discusses the role of extension activities as a constitutive dimension of philosophy teaching in Professional Technical and Technological Education (PTTE), taking as its object of analysis the experience of the Philosophy Club developed at the Federal Institute of Paraíba (IFPB) – Santa Rita Campus, Brazil. The study is grounded in the understanding that philosophy teaching cannot be restricted to the chronological transmission of content or the reproduction of philosophical systems, but must instead constitute itself as a critical experience of thought, connected to students' concrete realities and to the social contradictions of the world of work. In this context, the article analyzes the extension project “Metamorphosis: remnants of humanity”, developed through the reading and theatrical adaptation of Franz Kafka's *The Metamorphosis*, articulating philosophy, literature, and theater as formative practices carried out outside regular class hours. Based on authors such as Paulo Freire (1996), Sílvia Gallo (2006), and Gaudêncio Frigotto (2005; 2006), the study understands extension as a space for problematizing reality and for the collective production of thought, reaffirming the principle of the inseparability between teaching, research, and extension in PTE. Methodologically, this is a qualitative study characterized as an experience report. The results show that extension practices in philosophy enhance intellectual autonomy, creativity, critical reflection, and integral human formation, reaffirming the role of the humanities and the arts in the construction of a critical and comprehensive education in PTE.

Keywords: Philosophy teaching; Extension activities; Professional and Technological Education; Human formation.

LA EXTENSIÓN COMO DIMENSIÓN CONSTITUTIVA DE LA ENSEÑANZA DE LA FILOSOFÍA EN LA EDUCACIÓN PROFESIONAL TÉCNICA Y TECNOLÓGICA

Resumen

Este artículo discute el papel de la extensión como dimensión constitutiva de la enseñanza de la filosofía en la Educación Profesional Técnica y Tecnológica (EPTT), tomando como objeto de análisis la experiencia del Club de Filosofía desarrollado en el Instituto Federal de Paraíba (IFPB) – Campus Santa Rita/PB. Se parte de la comprensión de que la enseñanza de la filosofía no puede restringirse a la transmisión cronológica de contenidos ni a la reproducción de sistemas filosóficos, sino que debe constituirse como una experiencia crítica del pensamiento, vinculada a la realidad concreta de los estudiantes y a las contradicciones sociales del mundo del trabajo. En este contexto, analizamos la experiencia extensionista “Metamorfosis: restos de humanidad”, desarrollada a partir de la lectura y adaptación escénica de la obra *La metamorfosis*, de Franz Kafka, articulando filosofía, literatura y teatro como prácticas formativas realizadas en el contraturno escolar. Fundamentado en autores como Paulo Freire (1996), Sílvia Gallo (2006) y Gaudêncio Frigotto (2005; 2006), el trabajo comprende la extensión como espacio de problematización de la realidad y de producción colectiva del pensamiento, reafirmando el principio de la indisociabilidad entre enseñanza, investigación y extensión en la EPT. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, caracterizada como relato de experiencia. Los resultados evidencian que las prácticas extensionistas en filosofía potencian la autonomía intelectual, la creatividad, la reflexión crítica y la formación humana integral, reafirmando el papel de las humanidades y de las artes en la construcción de una educación crítica y omnilateral en la EPT.

Palabras clave: Enseñanza de la filosofía; Extensión; Educación Profesional y Tecnológica; Formación humana.

Introdução

O ensino de filosofia na Educação Profissional Técnica e Tecnológica (EPTT) enfrenta, historicamente, tensões relacionadas à sua legitimidade e à

sua função formativa em currículos marcados pela dicotomia da formação técnica e formação geral. Em meio às demandas produtivistas e utilitaristas que frequentemente orientaram a educação profissional, a filosofia é muitas vezes compreendida como componente secundário, desvinculado das exigências do mundo do trabalho. Contudo, pensar a filosofia na EPTT implica reconhecer que a formação humana não pode restringir-se à dimensão instrumental, mas deve contemplar a formação crítica, ética, estética e política dos sujeitos.

Nesse sentido, o presente artigo reafirma a Política Nacional de Educação Profissional e Tecnológica (2025) que, em seu artigo 2º, estabelece a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa, a extensão e a inovação como um dos eixos estruturantes do processo educacional. Assim, buscamos discutir a extensão como dimensão constitutiva do ensino de filosofia na EPTT, compreendendo que o filosofar ultrapassa os limites formais da sala de aula e se concretiza em práticas pedagógicas que articulam ensino, pesquisa e intervenção social, colaborando para um ensino de filosofia que seja capaz de produzir conhecimento. Tomamos como objeto de análise a experiência do Clube de Filosofia desenvolvido no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – Campus Santa Rita/PB, especialmente a experiência extensionista que foi construída através do clube denominada “Metamorfose: restos de humanidade”, construída a partir da leitura e adaptação teatral da obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka.

A experiência analisada articulou filosofia, literatura e teatro como práticas extensionistas desenvolvidas no contraturno escolar, promovendo espaços de problematização da realidade social contemporânea, sobretudo das questões relacionadas ao trabalho, à alienação e à desumanização. A proposta parte da compreensão de que o ensino de filosofia não se reduz à transmissão de conteúdos históricos, mas deve constituir-se como experiência viva do pensamento, capaz de mobilizar os estudantes diante das contradições sociais presentes em sua realidade concreta. Metodologicamente, o trabalho caracteriza-se como pesquisa qualitativa, estruturada como relato de experiência, fundamentada na observação participante, nos registros das

atividades extensionistas e na análise crítica das práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do projeto.

Portanto, este artigo busca demonstrar como a indissociabilidade entre ensino e extensão, materializada no projeto 'Metamorfose', atua como um potente instrumento de formação integral na EPT. Ao analisar o diálogo entre a filosofia e a obra de Kafka, espera-se evidenciar que a prática extensionista não apenas complementa o currículo formal, mas o ressignifica, permitindo que os estudantes transformem conceitos teóricos em ferramentas de leitura crítica sobre o trabalho e a condição humana na contemporaneidade.

1. O ensino de filosofia na EPTT: entre a transmissão e a produção do pensamento

O ensino de filosofia constitui, antes de tudo, um problema filosófico. Reduzi-lo a uma questão exclusivamente metodológica implica ignorar que ensinar filosofia exige uma tomada de posição acerca do próprio filosofar. Como afirma Sílvio Gallo, “ensinar filosofia é ensinar o ato, o processo do filosofar” (Gallo, 2006, p. 18). Isso significa compreender que o ensino filosófico não pode limitar-se à exposição cronológica de sistemas e autores, mas deve criar condições para que o pensamento aconteça.

Nesse horizonte, o cultivo do ensino de filosofia no currículo escolar revela-se fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia intelectual e do exercício consciente da cidadania. Mais do que transmitir conteúdos históricos ou apresentar sistemas filosóficos acabados, o ensino de filosofia deve possibilitar aos estudantes a experiência do pensar, estimulando a problematização da condição humana, das relações sociais, dos conflitos históricos e das contradições presentes no mundo do trabalho e na vida cotidiana.

Assim, a filosofia não se constitui como um saber dogmático ou um conjunto de verdades inquestionáveis, mas como prática reflexiva que provoca inquietações, desloca certezas e convida os sujeitos à interrogação permanente da realidade. Nesse sentido, filosofar implica produzir espaços de criação

conceitual, nos quais o pensamento possa emergir de forma crítica, livre e inventiva. A filosofia transforma, portanto, o ato de refletir em instrumento de conscientização, emancipação e leitura crítica do mundo, especialmente no contexto da Educação Profissional Técnica e Tecnológica, frequentemente atravessado por perspectivas tecnicistas da formação. Conforme elucida Deleuze e Guattari (1992, p. 10):

Simplemente chegou a hora, para nós, de perguntar o que é a filosofia. Nunca havíamos deixado de fazê-lo, e já tínhamos a resposta que não variou: a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. Mas não seria necessário somente que a resposta acolhesse a questão, seria necessário também que determinasse uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o ensino de filosofia não pode limitar-se à repetição de conceitos previamente estabelecidos, mas deve constituir-se como experiência viva do pensamento, vinculada às circunstâncias históricas e existenciais dos sujeitos. Ensinar filosofia significa criar condições para que os estudantes se reconheçam como participantes ativos da produção do conhecimento, capazes de interpretar criticamente sua realidade e de produzir novos sentidos para suas experiências. Desse modo, o filosofar na EPT assume uma dimensão formativa essencial, ao contribuir para a construção de sujeitos críticos, sensíveis e conscientes de seu papel social.

1.1 O ensino de filosofia e a formação omnilateral

Nessa linha teórica, pensar o ensino de filosofia na Educação Profissional Técnica e Tecnológica exige ultrapassar concepções que limitam a formação escolar à preparação técnica para o mercado de trabalho. Nesse horizonte, a filosofia assume papel fundamental na construção de uma formação humana integral, pois possibilita ao estudante interpretar criticamente sua realidade histórica, social e cultural, compreendendo-se como sujeito inserido nas contradições do mundo do trabalho. Assim, o debate sobre o ensino de filosofia na EPT relaciona-se diretamente à concepção de formação omnilateral,

especialmente a partir das contribuições do materialismo histórico e da tradição crítica da educação.

A concepção de formação **omnilateral**¹ parte do entendimento de que a existência humana não pode ser fragmentada entre dimensões técnicas e humanas, pois o sujeito constitui-se na relação entre natureza, trabalho, cultura e sociedade. Conforme referencial teórico, ancorado em Marx e Engels, a história humana e a história da natureza são inseparáveis, uma vez que a vida social se realiza por meio da atividade material dos indivíduos em sociedade. Nesse sentido, o trabalho aparece como mediação fundamental entre ser humano e natureza, constituindo não apenas uma atividade econômica, mas dimensão ontológica da existência humana.

Marx (1983, p. 149) afirma:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.

Essa compreensão permite pensar a Educação Profissional para além da lógica produtivista e instrumental. A EPTT não deve restringir-se à formação de mão de obra especializada, mas constituir-se como espaço de formação crítica e emancipatória. É nesse contexto que o ensino de filosofia adquire centralidade, pois possibilita problematizar as relações sociais, os processos de alienação e as contradições presentes.

Por isso, ao discutir os fundamentos da formação omnilateral, Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) defendem a superação da fragmentação entre formação técnica e formação humanística, articulando ciência, cultura, trabalho e tecnologia em uma perspectiva integrada. Tal concepção aproxima-se da

¹ O conceito de formação omnilateral, desenvolvido por Frigotto (2012) a partir da tradição marxiana, refere-se à formação humana integral, compreendendo o sujeito em suas dimensões intelectual, cultural, técnica e social. Fundamentada em Marx, essa concepção entende o trabalho como princípio educativo e dimensão ontológica da existência humana, contrapondo-se à fragmentação da formação produzida pela lógica capitalista.

defesa da escola unitária, na qual as diferentes áreas do conhecimento não aparecem hierarquizadas, mas articuladas na formação do sujeito histórico.

No plano epistemológico, a formação omnilateral exige superar a fragmentação disciplinar produzida pela racionalidade moderna e pelo modelo tecnicista de educação. É importante destacar, assim, que a efetivação da formação omnilateral e de uma educação verdadeiramente integral está vinculada à construção de um projeto societário distinto da lógica capitalista vigente. Nessa perspectiva, Frigotto (2012, p. 267) defende a necessidade de uma sociedade que seja capaz de “libertar o trabalho, o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura e as relações humanas dos limites impostos pela sociabilidade capitalista”. Trata-se, portanto, de compreender que a emancipação humana exige a superação das formas de exploração e fragmentação produzidas pelo capital. Nesse sentido, o autor ressalta que:

A tarefa do desenvolvimento humano omnilateral e dos processos educativos que a ele se articulam direciona-se num sentido antagônico ao ideário neoliberal. O desafio é, pois, a partir das desigualdades que são dadas pela realidade social, desenvolver processos pedagógicos que garantam, ao final do processo educativo, o acesso efetivamente democrático ao conhecimento na sua mais elevada universalidade. Não se trata de tarefa fácil e nem que se realize plenamente no interior das relações sociais capitalistas. Esta, todavia, é a tarefa para aqueles que buscam abolir estas relações sociais (Frigotto, 2012, p. 270-271).

Desse modo, a concepção de omnilateralidade pressupõe a defesa de uma formação que recupere a totalidade da experiência humana, contrapondo-se à formação unilateral produzida pela racionalidade tecnicista e pelas exigências do mercado. Nesse horizonte, a educação deve articular trabalho, ciência, cultura, filosofia e arte como dimensões inseparáveis do desenvolvimento humano.

Por conseguinte, a categoria de formação omnilateral busca integrar ensino e trabalho em uma perspectiva emancipatória, compreendendo o trabalho como princípio educativo e não apenas como atividade produtiva subordinada ao capital. O trabalho, nessa perspectiva, assume caráter formativo, tornando-se atividade criadora e humanizadora, capaz de contribuir para a superação das relações de dominação e das divisões de classe que

historicamente marcaram a sociedade capitalista. Este papel está diretamente ligado ao processo do ensino de filosofia comprometido com a construção de uma postura crítica e reflexiva perante a sociedade e suas formas de organização.

2. Extensão e ensino de filosofia

Em continuidade ao argumento anterior, partimos da compreensão da formação omnilateral na Educação Profissional Técnica e Tecnológica exigindo pensar o processo educativo para além da instrução técnica e da preparação imediata para o mundo do trabalho. Nesse horizonte, o ensino de filosofia assume relevância fundamental, pois possibilita a problematização crítica da realidade social, das relações de trabalho e das contradições históricas que atravessam a formação humana.

É nesse contexto que a extensão² ganha centralidade enquanto dimensão constitutiva do processo formativo. Ao romper a lógica de isolamento entre instituição escolar e sociedade, as práticas extensionistas ampliam os espaços do filosofar, permitindo que o conhecimento produzido no ambiente escolar dialogue diretamente com os problemas concretos vividos pelos estudantes e pelas comunidades. A extensão, portanto, não deve ser compreendida como atividade acessória ou complementar, mas como prática educativa integrada ao ensino e à pesquisa, comprometida com a transformação social e com a formação crítica dos sujeitos.

Essa compreensão encontra respaldo nos próprios objetivos institucionais dos Institutos Federais definidos pela Lei nº 11.892/2008. Entre os princípios

² A extensão, conforme a Lei nº 11.892/2008, constitui uma das finalidades dos Institutos Federais, devendo articular ensino, pesquisa, mundo do trabalho e segmentos sociais. Nesse sentido, as práticas extensionistas nos IFs integram o processo formativo ao promover a produção e difusão de conhecimentos científicos, culturais e tecnológicos em diálogo com as demandas da comunidade local, fortalecendo a formação humana integral e a função social da Educação Profissional e Tecnológica (Brasil, 2008).

estabelecidos no artigo 7º, destaca-se o inciso IV, que determina como finalidade dessas instituições:

IV. desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da Educação Profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos. (Brasil, 2008).

O referido inciso explicita que a extensão não ocupa lugar secundário ou complementar no projeto pedagógico dos Institutos Federais, mas constitui dimensão estruturante da própria concepção de Educação Profissional e Tecnológica. Ao estabelecer a articulação entre mundo do trabalho, segmentos sociais e produção do conhecimento, a legislação evidencia que a formação desenvolvida nos Institutos deve ultrapassar os limites da racionalidade tecnicista e instrumental, orientando-se para uma perspectiva socialmente referenciada e comprometida com as demandas concretas da população.

Nesse horizonte, a extensão assume papel fundamental na constituição da formação humana integral, pois possibilita que os conhecimentos científicos, culturais e tecnológicos produzidos no interior da instituição sejam tensionados pelas contradições e experiências da realidade social. Tal movimento fortalece a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ao mesmo tempo em que amplia os espaços de atuação crítica dos estudantes.

No caso específico do ensino de filosofia, esse objetivo institucional ganha especial relevância. A articulação entre filosofia e extensão permite transformar o exercício filosófico em prática social concreta, vinculada aos problemas do cotidiano, às experiências do trabalho e às múltiplas formas de existência dos sujeitos envolvidos no processo educativo. O filosofar deixa de restringir-se ao estudo abstrato de teorias e passa a constituir-se como prática coletiva de reflexão, diálogo e intervenção na realidade.

Além disso, ao enfatizar a difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos em articulação com os segmentos sociais, o inciso IV também permite compreender que a formação técnica não deve ocorrer dissociada das humanidades. Pelo contrário, exige uma educação capaz de integrar ciência,

cultura, ética, sensibilidade e crítica social. Nesse sentido, o ensino de filosofia ocupa lugar estratégico na EPT, justamente por contribuir para a formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente as relações sociais, os processos produtivos e os impactos humanos decorrentes do desenvolvimento científico e tecnológico.

Walter Omar Kohan afirma que a filosofia deve “propiciar espaços de pensamentos potentes, livres e abertos à transformação de si e dos outros” (Kohan, 2009, p. 10). Essa compreensão aproxima-se profundamente da prática extensionista, uma vez que ambas compartilham a defesa do diálogo, da escuta e da construção coletiva do conhecimento. O ensino de filosofia, articulado à extensão, passa então a operar como exercício de abertura ao pensamento, permitindo aos estudantes desenvolverem formas autônomas de interpretação da realidade.

Na Educação Profissional e Tecnológica, marcada historicamente pela pressão de modelos produtivistas e utilitaristas, a valorização das humanidades e das práticas extensionistas constitui importante movimento de resistência. A extensão, articulada ao ensino de filosofia, contribui para reafirmar a centralidade da formação humana integral, possibilitando experiências educativas voltadas não apenas à inserção produtiva, mas à constituição de sujeitos críticos, sensíveis e capazes de intervir conscientemente na realidade social.

Dessa forma, compreender a extensão como dimensão constitutiva do ensino de filosofia significa reconhecer que o filosofar se realiza também nas experiências coletivas, culturais e sociais produzidas no interior da comunidade escolar e para além dela. A prática extensionista amplia os horizontes da formação filosófica ao integrar pensamento e ação, teoria e prática, escola e sociedade, fortalecendo os princípios da formação omnilateral e da educação emancipadora na EPT.

Assim, a extensão, articulada ao ensino de filosofia, fortalece a perspectiva omnilateral de formação ao possibilitar experiências educativas que integram teoria e prática, pensamento e ação, escola e comunidade. Trata-

se de um movimento que reafirma a função social dos Institutos Federais enquanto espaços comprometidos não apenas com a qualificação profissional, mas com a construção de uma educação emancipadora, crítica e socialmente transformadora.

3. O Clube de Filosofia e a experiência extensionista “Metamorfose: restos de humanidade”

À luz das discussões desenvolvidas anteriormente, permitimo-nos compreender que a extensão, articulada ao ensino de filosofia, constitui elemento fundamental para a consolidação de uma formação omnilateral na Educação Profissional Técnica e Tecnológica. Ao possibilitar a integração entre teoria e prática, escola e comunidade, reflexão e intervenção social, as ações extensionistas ampliam o espaço do filosofar para além da sala de aula, transformando-o em experiência concreta de produção coletiva do pensamento.

É justamente nesse horizonte que se insere o Clube de Filosofia do Instituto Federal da Paraíba - IFPB – Campus Santa Rita/PB, concebido como prática pedagógica extensionista voltada à ampliação das experiências formativas dos estudantes no contraturno escolar. O projeto surgiu da necessidade de construir espaços de diálogo, reflexão crítica e experimentação estética capazes de tensionar os limites de uma formação estritamente tecnicista, frequentemente presente no âmbito da EPTT.

Fundamentado nos princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da interdisciplinariedade, o Clube de Filosofia buscou articular filosofia, literatura, teatro e crítica social em uma perspectiva interdisciplinar e emancipatória. Nessa direção, desenvolveu-se a experiência extensionista intitulada *Metamorfose: restos de humanidade*, inspirada na obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka.

A escolha da narrativa kafkiana ocorreu em razão de sua potência filosófica para problematizar questões relacionadas à alienação, à desumanização, ao mundo do trabalho atual e às formas contemporâneas de

sofrimento social. A obra apresenta a trajetória de Gregor Samsa, personagem que desperta metamorfoseado em um inseto e passa a experimentar processos radicais de exclusão e perda de reconhecimento humano. Logo no início da narrativa, emerge a inquietação que orientou grande parte das reflexões desenvolvidas no projeto: “O que aconteceu comigo?” (Kafka, 2009, p. 6).

Essa indagação ultrapassa o plano estritamente literário e adquire forte dimensão social e filosófica quando relacionada às condições contemporâneas de existência, especialmente às experiências marcadas pela precarização do trabalho, pelas reformas trabalhistas, pela intensificação da produtividade e pela fragmentação das relações humanas no capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, a adaptação da obra constituiu-se como instrumento pedagógico de problematização da realidade social vivida pelos próprios estudantes da EPTT.

A proposta extensionista foi estruturada a partir de uma perspectiva colaborativa, envolvendo os estudantes em todas as etapas do processo criativo. Os participantes atuaram diretamente na dramaturgia, direção, atuação, cenografia, figurino, sonoplastia e divulgação da peça, fortalecendo o protagonismo estudantil e o caráter coletivo da produção artística. Mais do que uma atividade cultural, o projeto constituiu-se como experiência formativa capaz de integrar reflexão filosófica, sensibilidade estética e intervenção social.

Do ponto de vista teórico, a experiência dialoga diretamente com as formulações de Gaudêncio Frigotto (2006), especialmente no que se refere à crítica à educação subordinada às demandas do mercado. Para o autor, a formação omnilateral exige superar a fragmentação do conhecimento e compreender a educação como processo de formação humana integral, articulando trabalho, ciência, cultura e consciência crítica.

É precisamente nesse ponto que o ensino de filosofia assume papel estratégico na EPTT. Ao problematizar as relações sociais, os processos produtivos e as formas de alienação presentes no mundo do trabalho, a filosofia amplia as possibilidades de leitura crítica da realidade e contribui para

a formação de sujeitos conscientes das contradições históricas que atravessam sua existência.

A adaptação cênica de *A Metamorfose* permitiu aos estudantes compreenderem a literatura e o teatro como espaços de elaboração crítica da experiência humana. O corpo em cena, os objetos cotidianos, os silêncios, os gestos e os elementos simbólicos utilizados durante as apresentações transformaram-se em dispositivos de reflexão acerca da condição humana contemporânea e das múltiplas formas de exclusão produzidas pelas relações sociais capitalistas.

Além disso, o processo extensionista favoreceu a construção de espaços coletivos de escuta, diálogo e criação, aproximando o filosofar das experiências concretas vividas pelos estudantes. Tal movimento reafirma a compreensão de que o ensino de filosofia não deve restringir-se à exposição de sistemas filosóficos ou à memorização de conteúdos históricos, mas constituir-se como prática viva de pensamento crítico vinculada às contradições da realidade social.

No plano metodológico, a experiência caracterizou-se como pesquisa qualitativa, desenvolvida na forma de relato de experiência. A proposta foi organizada a partir de oficinas de leitura, rodas de conversa, estudos filosóficos, práticas teatrais e encontros formativos voltados à construção coletiva da adaptação cênica. As atividades ocorreram no contraturno escolar e envolveram aproximadamente vinte estudantes diretamente na produção artística. Fizemos apresentações na e para comunidade escolar.

O projeto culminou na apresentação pública do espetáculo durante o 3º Festival de Arte e Cultura do IFPB, alcançando público estimado em cerca de duzentas pessoas. As apresentações possibilitaram não apenas a socialização da produção artística desenvolvida pelos estudantes, mas também a ampliação do debate acerca da importância das humanidades e das artes na formação integral desenvolvida no âmbito da EPTT.

Os resultados evidenciam que práticas extensionistas articuladas ao ensino de filosofia potencializam o desenvolvimento da autonomia intelectual,

da criatividade, da sensibilidade estética e da reflexão crítica. O teatro, nesse contexto, mostrou-se potente instrumento pedagógico para problematizar as condições sociais contemporâneas e promover experiências educativas comprometidas com a emancipação humana.

Assim, a experiência do projeto *Metamorfose: restos de humanidade* reafirma que a extensão, quando integrada ao ensino de filosofia, fortalece os princípios da formação omnilateral e da educação emancipadora na Educação Profissional e Tecnológica. Ao articular arte, pensamento crítico e intervenção social, o projeto evidencia que os Institutos Federais podem constituir-se como espaços privilegiados de produção de conhecimento, cultura, sensibilidade e transformação social.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscamos demonstrar que a extensão não pode ocupar um lugar periférico no ensino de filosofia na Educação Profissional Técnica e Tecnológica, mas constitui dimensão estruturante do próprio processo formativo. A partir da análise da experiência do Clube de Filosofia e do projeto extensionista *Metamorfose: restos de humanidade*, desenvolvido no IFPB – Campus Santa Rita/PB, foi possível compreender que o filosofar (cf. Gallo, 2006), quando articulado às práticas extensionistas, amplia sua potência crítica, estética e emancipadora, aproximando o pensamento filosófico das experiências concretas vividas pelos estudantes.

A discussão realizada permitiu evidenciar que o ensino de filosofia na EPTT não pode reduzir-se à transmissão histórica de conteúdo ou à reprodução de sistemas filosóficos descontextualizados da realidade social. Pelo contrário, ensinar filosofia implica criar condições para que os sujeitos problematizem criticamente as contradições do mundo contemporâneo, especialmente aquelas relacionadas ao trabalho, à alienação, à precarização da vida e às formas de desumanização produzidas pela racionalidade capitalista. Nesse sentido, a filosofia assume papel fundamental na construção de uma formação

humana integral, comprometida com a autonomia intelectual, a sensibilidade ética e a consciência crítica.

A experiência extensionista analisada revelou que a articulação entre filosofia, literatura e teatro constitui importante estratégia pedagógica para fortalecer os princípios da formação omnilateral na Educação Profissional Técnica e Tecnológica. A adaptação cênica de *A Metamorfose*, de Franz Kafka, possibilitou aos estudantes não apenas o contato com uma obra literária clássica, mas sobretudo a elaboração crítica de questões que atravessam suas próprias existências, como a exploração do trabalho, o sofrimento social, a perda da identidade e os processos contemporâneos de exclusão.

Nesse percurso, o teatro configurou-se como linguagem privilegiada de produção do pensamento, permitindo que os estudantes experimentassem processos coletivos de criação, diálogo, escuta e intervenção social. A participação ativa em todas as etapas da construção artística — dramaturgia, atuação, cenografia, figurino, sonoplastia e apresentação pública — fortaleceu o protagonismo estudantil e reafirmou o caráter formativo das práticas extensionistas no interior da EPTT.

Além disso, os resultados apontam que experiências extensionistas em filosofia contribuem significativamente para o desenvolvimento da criatividade, da autonomia, da reflexão crítica e da formação estética dos estudantes, tensionando os limites de modelos educacionais orientados exclusivamente pela lógica produtivista e utilitarista. Ao integrar arte, filosofia e crítica social, o projeto reafirmou a importância das humanidades na construção de uma educação comprometida não apenas com a formação técnica, mas com a constituição de sujeitos capazes de interpretar, questionar e transformar a realidade em que vivem.

A pesquisa também reforça a centralidade do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reafirmado tanto na Lei nº 11.892/2008 quanto na recente Política Nacional de Educação Profissional e Tecnológica (2025). A experiência analisada evidencia que a extensão, quando integrada ao ensino de filosofia, amplia os horizontes da prática educativa ao

romper a separação entre escola e sociedade, entre conhecimento acadêmico e experiência social, entre teoria e prática.

Por fim, compreendemos que defender a presença da filosofia, das artes e das práticas extensionistas na Educação Profissional Técnica e Tecnológica constitui também um posicionamento político e pedagógico frente aos processos contemporâneos de esvaziamento das humanidades e de instrumentalização da educação. Em um contexto histórico marcado pela intensificação das desigualdades sociais, pela precarização do trabalho e pela subordinação crescente da educação às demandas do mercado, reafirmar a centralidade da formação humana integral torna-se tarefa urgente.

Portanto, concluímos que experiências como o projeto *Metamorfose: restos de humanidade* evidenciam o potencial transformador da extensão articulada ao ensino de filosofia na EPTT, demonstrando que os Institutos Federais podem constituir-se como espaços privilegiados de produção de conhecimento crítico, sensibilidade estética, participação coletiva e emancipação humana. Mais do que formar trabalhadores tecnicamente qualificados, trata-se de formar sujeitos capazes de compreender historicamente sua realidade e de atuar conscientemente na construção de outras formas de existência social.

Referências

BRASIL. *Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia*. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: Planalto. Acesso em: 26 maio 2026.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação omnilateral no pensamento marxiano**. In: **CALDART, Roseli Salete et al. (org.). Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 265-272.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2006.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KOHAN, Walter Omar. **Infância e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.